

### **O Cavalo Lusitano no Toureio:**

Minhas Senhoras e meus Senhores é para mim um privilégio poder participar neste Congresso. Quero agradecer à APSL o convite que me foi feito, cumprimentar todos os presentes e felicitar os demais oradores desta Conferência. Organizações como esta, engrandecem a missão de todos quantos criam e montam tão nobre raça de cavalos de sela.

Saudação amiga a todos os Criadores de Cavalos Lusitanos, em especial aos Estrangeiros cuja presença muito nos honra.

A minha carreira como cavaleiro tauromáquico profissional, a minha paixão pela equitação, a minha trajetória como criador de cavalos, é do conhecimento de toda a gente que está ligada a este meio. Dediquei toda a minha vida ao cavalo, não me lembro de um só dia em que este tema não tenha sido motivo de conversa em nossa casa. Criar e ensinar cavalos é para a minha família, mais do que uma paixão, uma missão.

Nunca pensei ser outra coisa na vida, senão Cavaleiro Tauromáquico - por sinal uma denominação muito feliz que caracteriza adequadamente o equilíbrio das duas complexas técnicas em que se baseia esta profissão, a equitação e o toureio – e não me arrependo um só segundo.

Mais de três décadas de actividade profissional contribuíram de forma decisiva para a minha felicidade e realização pessoal. Poder partilhar a minha experiência convosco, constitui, para mim, um prazer e uma honra.

Acredito que a construção de um raciocínio a respeito de um tema desta abrangência – O Lusitano e o Toureio - exija uma abordagem histórica que enquadre a importância que o cavalo, o touro bravo, a equitação e o toureio a cavalo, têm, desde tempos remotos, na cultura e na vida dos Portugueses.

Os cavalos ensinam-nos a ser humildes e a saber esperar.

O tempo confere a esta nossa tão antiga tradição de tourear a cavalo, um inexorável protagonismo, na história da cultura Portuguesa.

IV séculos A.C., Xenofonte descrevia a forma de montar dos povos do litoral da Ibéria, como única e inovadora. Estrabão celebre Filósofo e Cronista, relatava ao Imperador de Roma: “ Os Povos do litoral, têm por hábito de a cavalo combaterem touros, que na Hispânia, têm fúria”- referia-se aos Povos da parte Ocidental da Península Ibérica.

Poseidónio, mestre do estoicismo, elogiava os cavalos Celtiberos do Ocidente da “ Hispéria, muito mais velozes do que quantos se conhecem incluindo os Particos”, montados pelos temíveis cavaleiros/ archeiros da Ucrânia.

Antes da fundação de Portugal como nação, selaram-se tratados entre Cristãos e Mouros, em corridas de touros em Almada e Sintra.

El Rei D. Duarte escreve em 1434 o tratado de equitação que abriu caminho á Equitação Clássica e á Arte de tourear a cavalo, como actividades de elevada importância técnica e artística.

Até aos nossos dias, a história da nossa Nação não poderia ser escrita sem a tinta que imortaliza o gosto que, desde a fundação de Portugal, Monarcas, Nobres e Povo têm sentido por montar e tourear a cavalo.

Nem a amargura do Marquês, consequência da sua falta de destreza, que por essa ou por razões “ mais elevadas”, mandou assassinar a mais alta nobreza desta nação e com ela a mais fina elite de interpretes do Toureio a Cavalo, nem Filipe V de Espanha - Duque de Anjou, que, pelas mesmas razões, quis acabar com as corridas de touros na Península, nem a Rainha D. Maria II, nem tantos outros ataques a esta Arte tão nobre e Lusitana, conseguiram travar o seu desenvolvimento, tendo vindo a afirmar-se, como uma das mais profundas e genuínas manifestações culturais Lusitanas e berço de uma das mais prodigiosas acções de selecção animal do mundo - O cavalo Lusitano.

Avancemos então para a nossa época.

Analisar a selecção do cavalo Lusitano nos últimos 30 anos, sem previamente observar a evolução do toureio a cavalo, é correr o risco de não compreender o que de verdadeiramente importante se tem passado neste período fundamental para a evolução desta raça.

É importante assimilar, que até aos anos 40, o toureio a cavalo era uma realidade totalmente diferente da actual. As três regras básicas do toureio moderno, **Parar, Templar e Mandar**, eram apenas conceitos associados ao toureio a pé. O *mando* no toureio a cavalo, baseava-se essencialmente na variação de velocidade. A reunião resultava de movimentos em trajectórias rectilíneas ou curvilíneas de grande raio, em que a investida do toiro, mais do que dominada, era como que ultrapassada, adaptando a trajectória que permitia vencer o piton - e nessa altura era vulgar referir-se apenas o piton, que era obviamente o de fora -á velocidade do toiro.

Era, assim, importante a existência de um cavalo de comando fácil capaz de se inserir com à-vontade, em circunferências de maior ou menor diâmetro, permitindo um contacto ligeiro com a mão e grande capacidade de alternar passadas rápidas com passadas ainda mais rápidas e vice-versa.

O equilíbrio ideal, era o que permitia um contacto com a mão ultra ligeiro, para que as variações de velocidade e direcção fossem rapidamente executadas.

O toureio a cavalo dos nossos dias, baseia-se numa diversidade de aspectos incomparavelmente mais complexos.

O cenário actual é um quadro gestualista em que a plasticidade se baseia na harmonia do movimento. Muito para além, de manobras baseadas em exercícios de caça ou de guerra, estão em causa os fundamentos de uma arte única e incomparável. Transformar uma investida brutal, num movimento ondulante, longo e profundo, produzindo, apesar da presença constante do perigo, imagens belas e ritmadas, tornou-se numa das mais maravilhosas concepções artísticas do homem.

È ao homem, capaz de criar forma cada vez mais elaboradas para expressar as suas capacidades, a quem cabe a obrigação de criar os meios para as executar.

*A Criação de Cavalos*, tem assim, um papel determinante

È a partir dos anos 30 que o Mestre João Nuncio lança, com solidez, as bases do toureio a cavalo moderno.

A ligeireza, a criatividade, o sopro de genialidade deste cavaleiro mudaram a história no toureio.

Na sorte de frente, começava-se, então, a ver definidas as bases que tinham sido impostas pela revolução de Belmonte no toureio a pé: **Parar**, que significa fundamentalmente, citar e dar primazia á investida do touro, **Templar**, que consiste em conferir uma sensação de lentidão às trajectórias e à velocidade impostas pelo toureiro, com a finalidade de alcançar ritmo e ligação, dando a ideia de que se pode parar o tempo e reduzi-lo apenas a emoção, **Mandar**, que se trata de impor trajectórias de investida até á reunião. **Reunião** que, no toureio moderno, deixa deser fugaz e passa a ser concretizada lentamente, com expressividade, ao meio da curva formada pelo dorso do cavalo.

Para que este nível possa ser alcançado, a equitação clássica, saudavelmente preservada no nosso país, assegura princípios fundamentais, tais como:

- Regularidade das passadas
- Controle das trajectórias
- Ritmo como sinónimo de bom equilíbrio e confiança

- Flexibilidade como resultado de uma ginástica adequada
- Descontração e *souplesse* como resultado da boa inter-acção entre cavalo e cavaleiro.

Tornava-se então possível:

- O controlo da amplitude das passadas
- Encurvações belas e descontraídas
- Quarteios templados
- Variações controladas de equilíbrio
- Controlo do eixo do cavalo em todos os movimentos.

Mas tarde, nos anos 60, o choque causado pela inovação trazida por um cavaleiro chamado José Mestre Batista veio, uma vez mais fazer história. Introduzindo o verdadeiro conceito de carregar a sorte, aumentou exponencialmente o risco e a emoção da sorte de frente, provocando uma saudável colisão com os mais rigorosos princípios do classicismo. Este “valor híbrido”, deu origem a consecutivas gerações de cavaleiros de relevo. O processo criativo não mais parou. Através do talento de uma elite incomparável de figuras do toureio, esta arte tem sido aperfeiçoada de forma notável até aos nossos dias.

### **Acredito que a selecção segue sempre os objectivos da funcionalidade.**

È aqui que o talento dos criadores Portugueses se tem revelado notável.

Perceberam rapidamente que para obter o cavalo ideal, capaz de responder às exigências dos utilizadores, ter – se – ia de valorizar, acima de tudo, os aspectos funcionais.

Existiu sempre, uma sinergia perfeita entre cavaleiros tauromáquicos e criadores.

O toureio transformou-se no laboratório de selecção por excelência.

Para o Cavaleiro Tauromáquico a sua vida depende do seu cavalo.

O “bom olho” á hora de escolher e a eficácia do treino são da sua responsabilidade exclusiva. Daí que a sua opinião a respeito de determinado cavalo tenda a ser descomprometida e fidedigna.

A boa coordenação entre cavaleiro e criador, não se pode perder.

Hoje em dia, o criador de cavalos, tornou-se em muitos casos, na pessoa que contrata os serviços do cavaleiro. À partida, ele acredita convictamente no cavalo do qual é esperado o melhor resultado. Será assim, compreensível, a cerimónia e o cuidado com que o cavaleiro emite opinião sobre esse mesmo animal. O investimento no ensino de um cavalo só produz resultados a longo prazo. Porem a reflexão sobre as opções de selecção não deve esperar tanto.

O criador deverá, a meu ver, de forma humilde e correndo o risco de assumir que se enganou, colher informação sobre o carácter e as capacidades do seu cavalo ao longo das diversas fases de treino, mesmo antes de aparecerem resultados expressivos.

O objectivo desta interacção, não deverá ter como consequência, juízos precipitados e irrevogáveis, mas sim contribuir para a estratégia futura.

Em relação ao Toureio a Cavalo os resultados de uma selecção lúcida e criativa, permitiram atingir o apogeu desta raça, a partir do final dos anos 70 até aos dias de hoje.

Da boa interacção entre um homem de cavalos a quem todos devemos muito, o Dr. Guilherme Borba e um Criador a quem todos votamos a nossa mais profunda admiração, a Coudelaria Veiga, resulta uma decisão genial, um golpe de asa. Deitar um forte e consistente cavalo Andrade às finas e talentosas éguas Veiga, produziu uma ínclita geração - o Neptuno, o Novilheiro, o Opus, o Nilo – cujos descendentes têm proporcionado - a par de outras boas linhagens, tal como a seleccionada por Mestre Núncio - a materialização da imaginação dos cavaleiros tauromáquicos e o esplendor actual desta arte.

Dito isto,

**Será que o paradigma do cavalo bom para tudo está desactualizado?**

Proponho que olhemos para o actual momento do Lusitano, com o respeito e a gratidão, de quem recebe uma valiosa herança.

Herdámos um cavalo que foi concebido pelo homem com dois objectivos tremendamente ambiciosos:

- Defender a vida do cavaleiro durante a luta, cuja mais moderna expressão desta funcionalidade, é o toureio,

- Constituir um companheiro inestimável, gerador de prazer e auto estima, ao permitir mostrar na corte, leia-se em versão actual, na arena, na pista de ensino ou de espectáculo, todos os dotes artísticos e técnicos do conjunto.

Esta fantástica complementaridade, constitui, sem dúvida, o paradigma do cavalo ideal.

Está errado, a meu ver, quem na tentativa de produzir bons cavalos, para qualquer disciplina, escamoteia a importância do passado.

Com tudo isto não deixo de defender a ideia, de que perseguir objectivos diferentes, possa induzir especialização. Mas esta, deverá surgir pela determinação e mérito individuais.

O facto de excelentes linhagens toureiras estarem a dar igualmente magníficos cavalos de Dressage, dá que pensar.

Tentando contribuir para uma visão mais objectiva sobre este assunto, e sendo indiscutível que a característica mais importante que um cavalo tem de ter para tourear é a habilidade natural, que não é mais do que o instinto e o talento que, em conjunto permitem controlar e templar a investida de um touro, deixo a minha opinião sobre algumas características morfológicas ou funcionais deste cavalo tão especial. Este é o meu compromisso para esta conferência, mas não resisto a pedir a cada um de vós, que descubra as diferenças, entre o ideal de cavalo para tourear e o ideal de cavalo para outras disciplinas.

Partindo do princípio que já é muito raro, aparecerem cavalos com menos de 1,55 de altura, ratifico a tradicional afirmação de que não há cavalos grandes nem pequenos, há sim, bons e maus. É verdade que deve caber a quem selecciona, o aperfeiçoamento das características que contribuem para o quadro ideal, formado pelo binómio Cavaleiro/ Cavalo.

A altura ideal do cavalo de toureio deverá oscilar entre 1,58 e 1,65.

Atendendo á relação do conjunto com o espaço, considero que numa praça de touros, cuja arena oscila, na maioria dos casos, entre 30 e 40 metros de diâmetro, um cavalo com mais de 1,65 de altura ao garrote, tende a ficar demasiado grande e a ter dificuldade em proporcionar beleza e emoção, em momentos fundamentais da faena, tais como o carregar a sorte, o inicio do quarteio e a reunião.

Os membros posteriores deverão proporcionar arranques e paragens rápidas e segurança nas mudanças bruscas de equilíbrio.

Verdadeiramente primordial é a estabilidade nas transições e a capacidade de alternar movimentos rectilíneos com encurvações e deslocações laterais. Para isso a espádua deverá ser de comprimento proporcionado e bem relacionada com a conformação do dorso e a largura do peito.

Quanto aos membros anteriores, deverão possuir os arcos anteriores compridos a sustentarem um joelho elástico e uma canela resistente.

As quartelas deverão ser curtas e fortes de forma a sustentarem, com segurança, mudanças rápidas de peso e rotações violentas.

Importantíssimo é tudo o que respeita á tendência ascendente da moldura do cavalo. È inquestionável que a morfologia de qualquer bom cavalo de sela deverá favorecer esta tendência de forma a facilitar a obtenção de um bom equilíbrio, resultante da entrada dos posteriores, de uma consequente elevação do antemão e de uma consistente relação com a mão do cavaleiro. No Toureio, o cavalo deverá ter, porem, a capacidade para oscilar, alternada e rapidamente, a posição da sua linha de dorso em relação ao chão.

Enquanto as evoluções circulares e rectilíneas exigem um equilíbrio ascendente, as deslocações laterais de garupa, que constituem a base de um controle perfeito da reunião e remate da sorte, só poderão ser atingidas se o equilíbrio continuar estável e seguro, mesmo quando é necessário fazer avançar o centro de gravidade, transferindo peso para as espáduas, de maneira a que o cavalo, uma vez estabelecida a encurvação no sentido do touro, possa rodar sobre os anteriores e deslocar a garupa num movimento evasivo de controlo da parte final da investida.

Somente com uma linha de cima forte e flexível se poderão obter as encurvações laterais, indispensáveis a um correcto ladear em qualquer dos três andamentos ou a um bom quarteio no toureio.

Garupas compridas, largas, bem musculadas e tendencialmente oblíquas, como é, actualmente, apanágio dos nossos cavalos, favorecem a entrada dos posteriores, e a produção de energia que permita o cavalo andar á nossa frente e passar de situações de surpreendente concentração a movimentos que exigem deslocação do seu peso para o lado ou para a frente.

Outro aspecto interessante é a conformação e colocação do pescoço.

Para o toureio, é aceitável a tendência para um pescoço médio/longo, que funcione como “leme”, que contribua para um bom equilíbrio, chegando, em situações de grande compromisso, a funcionar como o *bico de uma muleta* no toureio a pé, mas que não corra o risco de assumir uma tendência para o recuo do nariz e o afundamento da nuca o que prejudicaria o contacto com a mão.

Cabeças descarnadas e finas, de perfil recto ou convexo e de tamanho proporcionado com o pescoço, são apanágio desta raça, permitindo ligeireza a todo o antemão e uma plasticidade notável.

No que respeita á definição básica da qualidade que deve ser observada nos três andamentos, não existe uma apreciável diferença entre o ideal para o toureio e para outras disciplinas.

Ter um bom passo, um bom trote e um bom galope é positivo em qualquer modalidade de alto nível.

No passo a capacidade de cobrir terreno e de oscilar a garupa e o dorso durante o movimento, é sinónimo de flexibilidade natural do dorso.

Admito porem que, a qualidade dos três níveis de concentração do passo é indissociável de uma boa equitação. Deficientes transições é sinal de má qualidade no contacto e de uma relação insegura entre a perna e a mão. Devo confessar que a observação das transições dentro do passo, dão-nos uma valiosa informação sobre a qualidade do ensino. Um cavaleiro que não consiga “mexer” no passo, não está seguro do controle, rectilindade, flexibilidade e bom contacto do seu cavalo.

Quanto ao **trote** direi que é o andamento por excelência para a obtenção de uma boa musculação e de um bom equilíbrio do cavalo.

Enquanto no toureio é um andamento “ proibido” durante a faena, por ser sinal de falta de prontidão ou de controlo, não deixa de ser um andamento importantíssimo no trabalho diário.

È evidente que a impulsão é base fundamental do trote, sendo a força propulsora que projecta o peso do cavalo para uma fase de suspensão e simultaneamente para diante.

No entanto, a elasticidade é o segundo aspecto a que dou mais importância.

Enquanto a impulsão vem basicamente da energia, e é importante pensar que a energia é resultante do binómio constituído por força física e força interior, a elasticidade é um misto entre flexibilidade e ritmo natural, uma espécie de dinâmica “musical” que confere silêncio á deslocação, dando a sensação que o cavalo oscila como se quisesse flutuar.

Abordemos então o **galope**.

A qualidade deste andamento é vital par o toureio.

A maior exigência em relação a este andamento, diz respeito às transições de amplitude.

No **toureio**, a prontidão com que um cavalo consegue, sem perder o equilíbrio, alternar passadas amplas com passadas curtas, puxar o peso para as ancas e avançá-lo com rapidez e rigor, concentrar e distender o movimento, são características fundamentais a um bom desempenho.

Refiro uma inteligente e oportuna consideração que fez o meu amigo Yan Bemelmens, ao presenciar um treino de um cavalo de toureio:

”quem consegue, de forma equilibrada, passar energeticamente do galope no mesmo sitio ao galope largo e vice versa, do piaffé ao trote largo e vice versa, sabe o que anda a fazer”.



Deixem-me que lhes diga o que então, disse ao Yan: o cavaleiro a quem tive o privilégio de ver fazer estas transições, de forma mais brilhante chamava-se João Branco Núncio.

Podemos então pôr em causa a tendência para uma especialização na Selecção?

Acredito que não, se ela surgir do trabalho e do talento de cada um e não por decreto.

Podemos então pôr em causa o paradigma do **cavalo bom para tudo**?

Pelo que nos demonstram os factos, acredito, também, que não.

As mais brilhantes linhagens de toureio deram origem aos cavalos mais brilhantes de Dressage. Refiro-me aos Lusitanos criados em Portugal que conseguiram notas internacionais, acima de 65% em Grande Prémio.

A Oxalis e o Rubi têm por traz a Quieta, pela Grosa, que produziu o Altivo.

O Galopin vem do Bailador.

O Portugal ( que competiu pelo Brasil) vem do Infante por Dragão e era irmão do Passapé.

O Útil, tal como o Jade (este criado em Espanha) vêm do Neptuno pelo Firme.

Então ao que é que chegamos?

Vou terminar com uma afirmação em que acredito convictamente:

O sucesso desta raça resulta de dois factores fundamentais, que deverão servir de base a qualquer programa de selecção no futuro:

- Historia e Talento.
- A Historia deu-nos o saber fazer e a noção de respeito por este admirável animal.
- O Talento, resulta da criatividade de quem cria ao serviço da capacidade de quem monta.

Seja em que modalidade for, toda a gente fica de acordo, quando um cavalo bem montado, para além dos resultados que pode obter, tem a capacidade de emocionar quem o monta, quem o criou e quem o aprecia.

È este o circulo de felicidade que nos une. O circulo que se inicia com o sonho, se desenha com trabalho e se fecha com paixão.

Brindemos ao Cavalo lusitano, á equitação e á arte

Bem-haja pela vossa atenção, Votos de um bom Festival, e saudações equestres.

*Paulo Caetano*

Junho 2011